

O eufemismo da morte no Antigo Egito

ANTONIO BRANCAGLION JUNIOR
Doutorando do Depto. de Antropologia
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

RESUMO: Os egípcios não estavam interessados na morte propriamente dita mas no pós-vida. Eles supriam tanto a câmara funerária quanto a capela da tumba com a dádiva deste mundo, o foco óbvio e imediato da atenção viva. A morte não era um inimigo ou um obstáculo mas uma porta à outra existência. O objetivo dos egípcios não era como o nosso néscio objetivo de não morrer mas o mais pungente desejo de não repetir a morte, de encontrar além da morte a vida que pudessem gozar tão completamente deste lado.

PALAVRAS-CHAVE: Egito, mitologia funerária, religião funerária.

Dentre todas as civilizações a egípcia talvez seja a que mais nos tenha legado testemunhos da presença da morte em sua sociedade. As tumbas, as múmias, o material funerário e a grande abundância de textos nos revelam a importância de sua crença em uma vida póstuma.

Para nós que vivemos em uma sociedade que se preocupa em ocultar os sinais da morte, afastando-a da melhor maneira possível do nosso convívio, os egípcios sempre nos fascinaram por sua necrolatria. Assim, desde que a egiptologia existe, antes mesmo de tornar-se uma ciência, os estudos a respeito de suas crenças referentes à morte sempre foram uma prioridade. O grande interesse por parte dos egiptólogos no estudo das crenças funerárias egípcias reside no fato de que os restos materiais são em sua grande maioria provenientes das necrópoles, e, por estas localizarem-se invariavelmente na zona desértica, este material conservou-se melhor que os outros vestígios.

Entretanto, tem-se estudado muito mais as práticas funerárias egípcias que uma antropologia da morte. Ainda estamos tentando estabelecer quais as relações entre suas concepções e suas práticas, qual o papel destas práticas no domínio público e no privado e entender como os antigos egípcios concebiam a noção de morte.

Tentando-se esclarecer algumas destas questões estaremos diante de uma cultura e de uma civilização habitada por vivos, que buscavam ambiciosamente uma existência após a morte, e não apenas de um povo com túmulos e múmias.

No curso de sua história, os egípcios souberam elaborar um sistema orgânico de crenças e de práticas relativas à morte cujo objetivo essencial era minimizar o impacto da morte sobre a sua sociedade, limitando-a a um fenômeno que interrompe provisoriamente a existência dos indivíduos, incidindo somente sobre a sua aparência, isto é, no seu receptáculo físico (carnal). Em torno desta concepção central crenças distintas uniram-se em um imaginário capaz de aceitar a morte, neutralizando-a e ordenando-a com rituais e símbolos, a fim de transcendê-la.

É impossível determinar em que momento os egípcios elaboraram suas crenças funerárias; contudo é evidente que a partir do momento em que os mortos são sepultados, há um culto funerário, e que este supunha uma existência *post-mortem*, uma segunda vida concebida segundo os moldes de sua existência terrena, como testemunham os alimentos e os objetos depositados junto ao corpo¹.

Os egípcios não possuíam divindades que personificassem a morte, normalmente ela é descrita como sendo enviada pelos “mensageiros de Sekhmet”, que trazem o “sopro da morte” em oposição ao “sopro da vida”.

A morte é um evento caracterizado por diferentes fatos: estar morto é em primeiro lugar e de maneira absoluta o estado de privação do “sopro da vida”; para os egípcios o ritmo cardíaco, embora conhecido, não era tido como um princípio vital. O coração (*ib* ou *haty*) era antes de tudo o centro da compreensão e do discernimento, o órgão da vontade que o colocava em sincronia com as forças cósmicas (*maat*). Em seguida, estar morto, era estar privado do uso de seus membros, tornar-se imóvel.

Um dos desejos mais frequentes expresso no *Livro dos Mortos* é a faculdade de ir e vir do morto segundo a sua própria vontade, o que pode nos parecer paradoxal já que o morto era cuidadosamente enfaixado antes do sepultamento². Todavia, o que mais os egípcios identificavam com a destruição do indivíduo, o fim de suas funções vitais, era a decomposição do corpo.

Desde os *Textos das Pirâmides* a visão da putrefação era a mais abominável. No capítulo 154 do *Livro dos Mortos* o morto dirige-se ao deus Osíris em uma prece para que seu corpo não se decomponha: “... Não se torne meu corpo em vermes, mas liberta-me como tu te libertaste. Rogo-te, não me deixes cair na podridão, como permite a cada deus, a cada deusa, a cada animal e a cada réptil ver a corrupção depois que a alma os abandona após a morte. E quando a alma se vai, o homem vê a corrupção e os ossos do seu corpo apodrecerem, mudam-se num mau cheiro, os membros deterioram-se um após o outro, os ossos desfazem-se, transformados em massa inerte, a carne se transforma em líquido fétido, ele se torna um irmão na decadência que o salteia, converte-se em multidões de vermes, desfaz-se totalmente em vermes...” (Budge, 1985, p. 422).

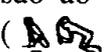
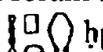
Os egípcios nunca tiveram um único termo que designasse a morte de uma forma completa e total, sempre preferiram expressões eufemísticas ao se referirem a ela, era comparada ao sono, à noite, às idéias ligadas ao silêncio, ao sofrimento, às doenças e à guerra.

De todas as formas de referência à morte a mais frequente e a mais antiga é a concepção de que a morte é um instante de passagem no qual o morto parte desta vida para outra, não como um cadáver errante, mas como um ser vivo que se desloca segundo a sua vontade e seu senso de orientação. Nos *Textos das Pirâmides* é dito ao morto: “Tu não partiste como um morto, tu partiste como um vivo”³. A fim de atenuar o fato de que a morte é a partida para uma jornada em que se interrompera o contato com o mundo dos vivos, é dito ao morto: “tu partiste, tu retornarás”, “a partida é como o retorno e vice-versa”⁴.

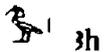
As expressões mais utilizadas em relação à morte são aquelas que empregam o verbo *meni* ( *mnj*), que designa o ato de amarrar o barco em uma estaca fincada na margem. Estas estacas eram identificadas com as deusas Ísis e Néftis, divindades que desempenhavam um papel protetor para com o morto nos rituais funerários, principalmente durante a mumificação. Parece-nos que essas expressões designam que a boa travessia do morto termina com a acostagem no mundo dos mortos.

A morte ligada a um vocabulário marítimo poderia significar não somente o transporte da múmia por barco até a margem ocidental do Nilo, onde se localizava a necrópole, mas que a morte era a chegada ao porto após haver atravessado a vida. *Meni* seria uma alusão à renovação da vida e da ordem quando da viagem do sol durante à noite, através do reino dos mortos, dispersando o caos e a obscuridade⁵. Outros termos ligados ao movimento eram igualmente empregados para designar a morte: *shem* ( *šm*) “ir” ou *khepy* ( *hp*) “passar”, presente na expressão

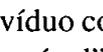
“passar para o seu ká” ( hp n k3.f), que significa morrer.

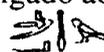
O morto é também designado *bagiu* ( b3gyw) “o cansado”, uma alusão ao deus Osíris também chamado de “o de coração cansado”. Temos também o verbo *mut* ( mwt), homófono do substantivo que significa mãe, de cuja raiz foram tirados substantivos que designavam as mortes violentas e sangrentas. O termo *hepet* ( hpt) era utilizado para designar o estado inânime do corpo.

Segundo os textos funerários, os mortos não pertencem à humanidade, mas formam uma coletividade própria, denominada desde os *Textos das Pirâmides* por *akhu*, que designa um estado que o morto desejava atingir, um estado inicialmente exclusivo do faraó, que desfrutava de uma existência póstuma junto às estrelas. Mais tarde com a “democratização”⁶ das crenças funerárias, ocorrida durante o final do Primeiro Período Intermediário e o início do Médio Império (2040-1782 a.C.), os simples mortais puderam beneficiar-se desta imortalidade ao lado dos deuses. Os *akhu*, isto é, os “glorificados” atingem esta condição não simplesmente por estarem mortos mas por serem socialmente reconhecidos como mortos que desfrutaram de uma existência póstuma ao lado dos deuses.

A palavra *akh* ( 3h), cujo plural é *akhu*, possui ramificações que cobrem uma série de referências, entre elas *akhet* ( 3ht) “horizonte” que pode significar “ser eficaz” e “ser alguém”, mas o significado central encerra o conceito de luz, o morto no estado de *akh* teria o seu espírito transfigurado *sakhu* ( s3hw) pela luz, seria aquele que escapou da escuridão. O oposto de *akh* é *mut*, a pessoa que morreu e não foi transfigurada pela luz do deus Rê no Mundo Inferior; estes são os espíritos maléficos e mal intencionados denominados *mut* nas “cartas aos mortos”⁷.

Outras formas eufemísticas são utilizadas para designar o morto; ele é “aquele que descansa”, “aquele que está em paz” ou “aquele que foi para o seu pai”, isto é, para o túmulo da família. Os mortos são chamados “os perfeitos”, e mais comumente “os ocidentais”, uma evocação do local de descanso dos mortos; o ocidente designa ao mesmo tempo as necrópoles e o local metafórico do outro mundo. Um dos epítetos de Osíris é o de *Khentamentiui*, isto é “O Primeiro dos Ocidentais”.

Nos textos autobiográficos, nas estelas funerárias, nos textos invocadores de oferendas e nos apelos aos vivos, o morto jamais se refere como tal. Ele simplesmente descreve a sua situação social, os seus títulos e os cargos que possuiu em vida. Somente dois epítetos, que acompanham o nome, designam o indivíduo como estando morto. O primeiro é *imakhu* ( im3h), traduzido normalmente por “venerável”, um título exclusivo aos mortos; para tanto era necessária uma aprovação pública que lhe conferisse uma memória social, uma progênie encarregada do culto funerário legalmente testamentado e o morto deveria ter promovido em vida um acúmulo de bens suficientes para viabilizar a criação deste verdadeiro fundo de pensão funerário.

O outro título ligado ao nome do morto em todos os textos e objetos depositados em sua tumba é *maatkheru* ( m3t-h); diz respeito mais ao desejo de imortalidade do morto que a busca de uma memória social. Normalmente traduzido por “justificado” o termo significa literalmente “justo de língua” e surge pela primeira vez sob o reinado de Mentuhotep III (1997-1991 a.C.) e designa o morto que passou pelo julgamento dos mortos.

A imagem deste julgamento é largamente conhecida, a pesagem do coração que algumas vezes é chamada de psicostasia, diante do tribunal dos quarenta e dois deuses, presidido por Osíris e mais raramente por Rê, na presença do deus Thot, o escriba divino que registra o veredicto. O indivíduo é introduzido por Anúbis psicopompo na sala do julgamento que é, ao mesmo tempo, a entrada dos domínios imortais de Osíris. Seu coração que deve representar a pureza de seus atos é pesado contra Maat, frequentemente simbolizada por uma pluma. Paralelamente, o morto pronuncia a dupla declaração de inocência, atestando que não cometeu nenhuma falta que contrarie as exigências de Maat⁸. Após ser declarado “justificado” pelo tribunal, o morto pode

entrar no “Belo Ocidente” e iniciar a sua vida *post-mortem*.

Não sabemos em que momento o morto era reconhecido pelos vivos como sendo um “justificado”, todavia um texto de Diodoro Sículo é digno de consideração. Nele o autor descreve um julgamento do morto antes do sepultamento, realizado na margem oposta à necrópole. Este julgamento era previamente anunciado pela família do morto e no dia marcado um grupo de quarenta e duas pessoas dispunha-se em semicírculo ao redor do corpo representando os juizes, que aguardavam alguma acusação contra o morto. Caso não houvesse nenhuma acusação ou estas fossem consideradas caluniosas, a cerimônia de sepultamento poderia prosseguir; entretanto se alguma culpa fosse declarada contra o morto este não seria sepultado segundo o ritual⁹.

A existência de um julgamento como parte do ritual de sepultamento não é atestada em nenhuma outra parte; contudo, na última frase do capítulo 86 do “Livro dos Mortos”, o morto declara: “meu corpo foi sepultado”, isto é, recebeu o sepultamento ritual. No capítulo 1, um parágrafo complementar é algumas vezes adicionado e nele o morto declara: “fui examinado por numerosos inquisidores...minha alma foi a eles confrontada...e que minha boca foi correta sobre a terra”. No final do capítulo 125 o morto diz: “eu me livre das calúnias dos que estavam em serviço”.

No campo das imagens os egípcios tratavam a morte também eufemisticamente. Uma das características da civilização egípcia é sem dúvida a proliferação de imagens; todavia, a enorme proporção de monumentos de uso funerário que sobreviveram até os nossos dias pouco ou quase nada retratam a morte. Então como os mortos ou a morte eram representados ?

Os egípcios jamais adotaram uma figura que representasse a morte, pelo menos não como a figura do esqueleto com a foice, adotada pelo ocidente desde a Idade Média. Não existem representações de esqueletos na arte faraônica, são raras as imagens de mortos com seus corpos ressecados pela mumificação. Uma destas representações encontra-se no sarcófago de Hildesheim datado entre 600 e 300 a.C.¹⁰, uma outra está na vinheta que ilustra o capítulo 89 do “Livro dos Mortos” de Tehena¹¹. Em ambas as cenas o corpo é representado nu, todo preto, com os membros extremamente finos e as juntas muito proeminentes.

No caso do mais ilustre de todos os mortais, o faraó, é sempre representado com seus atributos reais exercendo as suas funções como em vida. Se a partir do Novo Império, as cenas dos templos representam a teogamia ou o nascimento divino do rei, o mesmo não ocorre com a morte do faraó; nenhuma cena dos funerais reais é retratada, somente as *shabtis* retratam o faraó sob a forma de uma múmia, uma das inúmeras formas de identificá-lo ao deus Osíris. A única exceção é a cena da parede leste da câmara funerária de Tut-Ankh-Amon (1334-1325 a.C.), nela o sarcófago real aparece deitado sobre o catafalco que é puxado por cinco grupos de homens, membros de sua corte¹². Outra cena excepcional é a que representa a morte da princesa Meketaten (1431 a.C.), na qual o corpo da princesa aparece estendido sobre o seu leito próximo do qual os seus pais, o faraó Akhenaton e a rainha Nefertiti, se lamentam¹³.

Os particulares, além das *shabtis*, são retratados nas paredes das capelas funerárias do Novo Império, durante os rituais funerários, mas sempre sob a forma de uma múmia ou de um sarcófago antropomórfico. Estas imagens da múmia são utilizadas em cenas estritamente funerárias; em todas as outras representações, o morto, assim como os membros de sua família, são representados como vivos¹⁴, sempre jovens, belos e fortes, conforme o ideal autobiográfico dos egípcios.

O grande temor dos egípcios não estava na perda das funções físicas, pois como vimos eles acreditavam na permanência da personalidade individual após a morte; o que lhes aguardava do outro lado da vida era o que os preocupavam.

Foi com o objetivo de responder a este mistério inevitável que os seus mitos funerários foram elaborados, uma doutrina formada por diversos elementos complexos e com forte suporte

simbólico. Contudo duas idéias básicas sobre o destino póstumo dos mortos estiveram sempre presentes desde os tempos mais remotos: de um lado, a vida além túmulo foi considerada como um prolongamento da vida terrestre, um verdadeiro espelho da vida às margens do Nilo; de outro, a crença de que esta nova existência só seria possível após ser percorrida uma longa jornada repleta de perigos. Ambas as crenças levaram à elaboração de um riquíssimo repertório textual e iconográfico.

Nestes textos a morte é apresentada como sendo não apenas o fim da vida, mas também como a entrada para um novo modo de ser. Os egípcios acreditavam que embora a vida fosse transitória, ela poderia ser preservada através da renovação. Nos rituais esta verdade mítica era invertida, e a vida renovada pela preservação. A idéia presente em todos os mitos funerários egípcios era a de que a vida só poderia existir e ser renovada através da morte. Não somente os seres humanos, mas também os deuses eram mortais.

A renovação dava-se fora do mundo criado, na escuridão das águas primevas (*Num*) que circundava o universo criado e era mantido fora dele, circulado por uma serpente que morde a ponta de sua cauda. No “Livro do Am-Duat” (*imy-duat*), na última hora da noite, o deus sol e os mortos eleitos penetram como velhos, abatidos pelo cansaço da vida, no corpo de uma serpente gigantesca chamada “A que envolve o Mundo” e ao saírem de dentro dela surgem rejuvenescidos como crianças, e o deus sol é chamado “o jovem”.

Esta mitologia funerária tem início com o *Textos das Pirâmides*, um apanhado de fórmulas gravadas nas câmaras funerárias das pirâmides da V e VI Dinastias (2498-2184 a.C.). Este conjunto que não foi organizado de forma sistemática foi inteiramente composto para fornecer os meios que permitissem uma existência póstuma ao faraó, de modo que este evitasse os perigos e as ameaças da outra vida. O destino do rei morto era celeste, através de diversos meios ele chegaria ao céu, adotando diferentes formas animais, com a ajuda de diferentes objetos, para lá desfrutar de uma existência junto às estrelas e navegar diariamente na barca do deus sol Rê.

Este destino imortal estritamente reservado ao faraó foi, às custas de grandes mudanças ideológicas e políticas, transformado nos *Textos dos Sarcófagos* de forma a permitir que os simples mortais pudessem se beneficiar de uma existência ao lado dos deuses. Este conjunto de textos recebeu este nome pelo simples fato de terem sido escritos à tinta, no interior de sarcófagos de madeira, durante o Médio Império (2040-1782 a.C.) particularmente nas necrópoles de Beni Hassan e El-Bershech. Foram inspirados diretamente nos *Textos das Pirâmides*, aos quais se adicionou um grande número de capítulos suplementares e rubricas, a fim de dar uma forma mais coerente ao texto. Essencialmente trata-se da viagem do morto no outro mundo celeste junto com Rê e os meios mágicos necessários para evitar o ataque de inimigos.

Sobre os sarcófagos da necrópole de El-Bershech, datando do início do Médio Império, surge uma outra composição funerária conhecida por *O Livro dos Dois Caminhos*, acompanhada de uma vinheta. Este nada mais é que um mapa do mundo dos mortos, com os dois caminhos que conduzem ao Re-Stau, um lugar mítico onde Osíris é o senhor e que é habitado por terríveis monstros. Este livro é o ancestral das grandes cosmografias do Novo Império.

No Novo Império (1570-1070 a.C.) enquanto os rituais funerários eram fixados em textos e codificados, como foi o caso do *Ritual de Abertura da Boca*, novas composições funerárias foram compiladas, reproduzidas em papiro para os particulares e gravadas sobre as paredes das tumbas reais no Vale dos Reis. Estes textos tornaram-se cada vez mais indispensáveis ao morto em sua viagem ao Mundo dos Mortos.

O mais conhecido de todos os textos funerários egípcios é sem dúvida o *Livro dos Mortos*, cujo título correto é “Encantamentos para Sair da Tumba à Luz do Dia”. Substituto dos *Textos dos Sarcófagos*, de onde ele retirou muitos de seus capítulos, ele é principalmente escrito sobre o papiro que era depositado entre as pernas das múmias, entre as bandagens ou dentro de uma imagem em madeira do deus Osíris-Seker. A mais acessível de todas as composições funerárias,

o *Livro dos Mortos*, poderia ser adquirida nos templos em versões com vinhetas ricamente decoradas ou em compêndios mais modestos conforme o poder aquisitivo. O seu texto é dividido em rubricas e cada capítulo possui uma vinheta com mais de cento e noventa capítulos. O *Livro dos Mortos* passou por uma série de ampliações, chamadas recensões, e modificações a partir do Terceiro Período Intermediário (1069 a.C.) até o Período Ptolomaico (305 a.C.).

Enquanto as tumbas de particulares eram ornamentadas com representações da vida cotidiana, as quais eram cenas estritamente religiosas, as tumbas reais fizeram nascer um outro gênero literário, que teve a sua origem no *Livro dos Dois Caminhos*. As sepulturas dos faraós eram desprovidas de cenas da vida cotidiana e suas ilustrações eram retiradas das grandes obras cosmográficas do Novo Império.

O primeiro livro do Mundo Inferior foi chamado de *Livro do Amduat* embora seu título original fosse *O que está no Mundo Inferior* ou como consta em algumas tumbas *Texto da Câmara Oculta*. Este foi o tema predominante em todas as tumbas reais de Tutmés III a Akhenaton (1504-1350 a.C.) descrevendo a jornada do deus sol em sua barca pelas doze horas da noite para nascer na última hora através do corpo de uma serpente para uma nova vida ao amanhecer.

Durante o reinado de Horemheb (1321-1293 a.C.) surge uma nova composição ainda sem título na época, mas que atualmente é conhecida como *Livro dos Portões*, pois cada uma das doze divisões da noite estão representadas separadas por um portão. Embora a idéia das doze horas noturnas permaneça, o *Livro dos Portões* adiciona a sala do tribunal de Osíris na última hora antes do nascimento do sol. Em comparação ao *Livro do Amduat* reduziu muito as características do Mundo Inferior e o número de seres que nele habita.

Permaneceu em uso até o reinado de Merneptah (1212-1202 a.C.) que teve o corredor de acesso ao seu cenotáfio inscrito com a primeira cópia conhecida do *Livro das Cavernas* cujo nome antigo nos é desconhecido. Este descreve o Mundo Inferior dividido em duas metades com o disco solar, ao invés do barco solar, percorrendo cada hora e traz, com maiores detalhes, a tortura dos danados. Esta composição aparece nas tumbas de Ramessés IV, VI, VII e IX (1151-1108 a.C.).

Nas últimas tumbas reais ramessidas, incluindo a da rainha Twosret (1187-1185 a.C.), um novo conjunto de elaboradas cenas que retratam a jornada do sol sob a terra durante a noite e no céu diurno foi chamado *Livro da Terra*, por concentrar-se no aspecto ctônico da ressurreição solar junto com os deuses Geb, Aker e Tatunen.

Estas cosmografias permaneceram em uso, juntamente com o *Livro dos Mortos*, até a época Ptolomaica quando surge então o *Livro das Respirações* que permaneceu em uso até o segundo século da nossa era. Conhecemo-los unicamente em papiros provenientes da região tebana, atribuídos a Ísis e a Thot; eram utilizados como uma espécie de documento ou “passaporte” que permitiria ao morto receber o sopro da vida no outro mundo bem como o poder de preservar o seu nome: uma lembrança com temas dos *Textos das Pirâmides*, mesclada com elementos do *Livro dos Mortos*.

Em todos estes textos o deus sol Rê divide o domínio do Mundo dos Mortos com o deus Osíris; é a combinação de uma existência celeste com uma ctônica, dividindo um espaço misterioso localizado no poente sob a terra onde o deus Osíris é o Senhor. Para que a vida seja renovada é preciso que Rê a percorra todas as noites, passando por suas doze seções ou horas, navegando em sua barca de oriente a ocidente, levando luz a este mundo de trevas. Porém, o tempo no outro mundo é diferente do terreno, uma hora no Duat era equivalente a uma vida. Tão logo a barca solar se aproximasse de um dos portões que dividem as horas do Mundo Inferior, este abrir-se-ia automaticamente.

Quando o deus sol brilha na escuridão e diz o verbo criador, os sarcófagos e as capelas são abertas e os espíritos saem das múmias acordando do sono da morte. Eles saem das bandagens que os protegiam e então o ressurreito poderia viver a sua segunda vida, cultivando os campos,

pescando e caçando, jogando e participando de banquetes com seus familiares. Repetindo a sua vida graças ao brilho do sol, e acreditando que na outra vida teria a possibilidade de realizar feitos não conseguidos em vida, as mulheres estéreis poderiam ter seus filhos¹⁵, os famintos seriam alimentados e os injustiçados seriam recompensados.

No mesmo espaço e ao mesmo tempo, os inimigos dos deuses, aqueles que foram contra Maat em vida, seriam punidos. Não havia uma divisão espacial definida entre “céu” e “inferno” nos textos funerários egípcios, nestê mundo o sol que dá a luz e a vida aos “justificados”, dá o calor calcinante e o fogo que queima os inimigos. No *Livro dos Portões* o deus Rê diz:

*“Ó deuses (os mortos) que estão no Mundo Inferior,
Que estão junto do Governador do Oeste (Osíris),
Que estão estirados a seu lado,
Que estão dormindo em seus suportes,
ergam sua carne,
juntem os seus ossos,
reúnam seus membros,
unam a sua carne.
Pode haver fresca brisa para suas narinas.
Livrando-se de suas bandagens.
Possam tirar suas máscaras.
Possa haver luz para seus divinos olhos,
para que possam ver a luz por eles.
Levantem-se de seu cansaço”*
(Hornung, 1969, p.236)

Notas

- 1- São inúmeros os estudos a respeito dos sepultamentos pré-históricos no Egito; a grande maioria destes trabalhos referem-se aos sítios do Alto Egito. O pioneiro nestes estudos foi o arqueólogo inglês Sir Willian Matthew Flinders Petrie (1853-1942).
- 2 - As bandagens que envolvem as múmias eram chamadas de “os limites da morte” ou “os limites de Set”, o deus que assassinou seu irmão Osíris.
- 3 - *Textos das Pirâmides* § 833a.
- 4 - *Textos dos Sarcófagos* VI, 91m.
- 5 - Na mitologia funerária egípcia o deus sol Rê navega em um Nilo subterrâneo levando em sua barca, chamada “Barca de Milhões”, as almas dos mortos.
- 6 - Democratização é um termo muitas vezes aplicado ao fenômeno político-ideológico que ocorreu no campo religioso e que possibilitou o acesso das classes sociais mais baixas aos ritos funerários, antes exclusivo do faraó. Sobre as implicações do uso desta expressão ver Ragnhild Bjerre Finnestad, "The Pharaoh and the "Democratization" of Post-mortem Life" in *The Religion of the Ancient Egyptians Cognitive Structures and Popular Expression*, Uppsala, 1989, p.89-93.
- 7 - Uma das formas de comunicação com os mortos era a de escrever em um recipiente para oferendas uma carta e depositá-lo na tumba.
- 8 - Este texto qualificado de “confissão negativa” nada tem em comum com a concepção cristã de pecado como muitos desejam crer.

- 9 - Diodoro Sículo I, 92 (1-6) e I, 72.
- 10- Atualmente no Pelizaeus Museum. Ver Françoise Dunand e Roger Lichtenberg - *Les Momies - Un Voyage dans l'Éternité*, Paris, 1991, p.26.
- 11- Atualmente no Museu do Louvre. Ver op. cit. p.41.
- 12- Ver Nicholas Reeves - *Tutankhamon*, Paris, 1990, p.72.
- 13- Ver Christiane Desroches-Noblecourt - *Tutankhamen, Life and Death of a Pharaoh*, New York, 1978, p.153.
- 14- Os egípcios não acalentavam a idéia de nudez paradisíaca. Não somente comida e bebida eram ofertados aos mortos mas também roupas de linho.
- 15- Em algumas tumbas de mulheres solteiras são encontradas figuras da morta com uma criança, representando o desejo desta em ter um filho na sua vida póstuma.

Referências Bibliográficas

- BARGUET, P. *Le livre des Morts des Anciens Egyptiens*. Paris: Éditions Du Cerf, 1967.
- BARGUET, P. *Les Textes des Sarcophages Égyptiens du Moyen Empire*. Paris: Éditions Du Cerf, 1986.
- BUDGE, E. A. W. *The Book of The Dead*. New York: Dover, 1985.
- BUDGE, E. A. W. *The Gods of The Egyptians*. New York: Dover, 1969, 2 vols.
- FAULKNER, R. O. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- HORNUNG, E. Book of Gates, 1969, p.168, apud - D'AURIA S. et alii. *Mummies & Magic The Funerary Arts of Ancient Egypt*. Boston: Museum of Fine Arts, 1988.
- QUIRKE, S. *Ancient Egyptian Religion*. London: British Museum Press, 1992.
- BRANCAGLIONI Jr., Antonio. The euphemism of death in Ancient Egypt. *Classica*, São Paulo, 7/8: 25-32, 1994/1995.

ABSTRACT: The Egyptians were not interested in death itself, but in afterlife. They stocked both burial chamber and tomb-chapel with the bounty of this world, the obvious and immediate focus of their living attention. Death was not an enemy or an obstacle but a doorway to another existence. The purpose of the Egyptians was not our foolish one of not dying but the more poignant hope of not repeating death, of finding beyond death the life that they could enjoy so fully on this side.

KEY WORDS: Egypt, funerary mythology, funerary religion.
